



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



*Agecom*  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**20 e 21 de agosto de 2022**

**DC Revista, AN Revista e Santa Revista (20.08 – 26.08.2022)**

**Capa e Política**

"A ameaça das fake news"

A ameaça das fake news / Bibliotecário / Leonardo Ripoli / Comissão de  
Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital /  
Cidad / UFSC / STF



# A ameaça das fake news



Disseminação de conteúdos falsos assume novos formatos e volta a rondar processo eleitoral; veja dicas para identificar materiais inverídicos

**JEAN LAURINDO**  
jean.laurindo@nsc.com.br

...  
Especialistas apontam que a desinformação costuma se apoiar na ingenuidade do usuário que recebe a notícia falsa e a compartilha

O impacto da divulgação de notícias falsas, as chamadas fake news, volta a ganhar força no país com o início da campanha eleitoral. Os conteúdos de desinformação são vistos como riscos à democracia porque podem deixar a disputa desigual e interferir com dados equivocados na decisão de voto do eleitor. Escapar desse processo tem exigido desconfiança dos usuários e ações firmes de instituições e da Justiça Eleitoral.

Ainda que boatos e informações falsas fossem situações eventualmente presentes em eleições, eles foram elevados a uma nova condição nos últimos anos. O termo fake news entrou de vez para o vocabulário geral a partir das eleições americanas de 2016, e foi tema delicado também na disputa presidencial no Brasil, em 2018. Denúncias sobre disparos de mensagens em massa por aplicativos como o WhatsApp foram registradas, e a prática foi oficialmente proibida pela Justiça Eleitoral neste ano.

Neste ano, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) lançou uma campanha permanente de combate à desinformação, que já tem mais de 150 instituições parceiras. A corte já registrou mais de 1,9 mil denúncias de conteúdos falsos sendo compartilhados nas redes. E a tendência é que a situação piore com o acirramento da campanha política.

— Desde novembro, já vínhamos fazendo esse acompanhamento, mas já deu para ver que nos últimos dias, com as candidaturas regularizadas, o conteúdo [falso] cresceu bastante — explica o jornalista Sérgio Lüdtke, editor-chefe do Projeto Comprova, coalizão de veículos de comunicação de todo o país que inclui a NSC e atua na checagem de conteúdo.

A desinformação correu solta também na pandemia de Covid-19, com desinformações de todo tipo sobre contágio e vacinas. Segundo Lüdtke, esse período serviu como uma espécie de “pós-graduação” a quem produz conteúdos falsos.

— Vários dos grupos ativos politicamente que produziram desinformação na pandemia tiveram tempo para cooptar pessoas, produzir conteúdos falsos com tempo para

testar melhores formatos, abordagem, puderam sofisticar um pouco formatos e o tipo de mensagem — aponta.

Com a pandemia como preliminar, as fake news podem aparecer em roupagens diferentes no processo eleitoral de 2022. Uma das preocupações dos especialistas é com a chamada diversidade de plataformas. Com a pressão sobre redes sociais como WhatsApp, Facebook e Instagram, elas tomaram providências que, se não resolveram o problema, ao menos minimizaram a divulgação de conteúdos falsos.

Contudo, isso estimulou o uso de variadas ferramentas e formatos para quem desejava continuar disseminando fake news. Uma das linguagens mais usadas tem sido a do vídeo, que facilita o trabalho de despertar reações e emoções no espectador — estratégia adotada para impactar o usuário, convencê-lo e encorajá-lo a compartilhar.

## SOFISTICAÇÃO DOS CONTEÚDOS É ESPERADA PARA ESTE ANO

O bibliotecário e mestre em Gestão da Informação Leonardo Ripoli coordena a Comissão de Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital (Cidad), projeto da UFSC selecionado como parceiro do STF em um programa de combate a conteúdos falsos criado pela corte. Ele confirma que o cenário em 2022 é outro, por haver mais conhecimento sobre mecanismos de disseminação, que por sua vez também estão mais refinados.

— De lá pra cá houve a popularização de plataformas como o Telegram e o TikTok, por exemplo, e o crescimento do WhatsApp, que contribuíram no consumo de conteúdos mais curtos e diretos e, portanto, possibilitando um terreno fértil para vídeos e áudios recortados, descontextualizados ou com falsa atribuição de autoridade.

Outra adaptação de quem produz as notícias falsas é uma espécie de ‘sofisticação’ nos conteúdos. A manipulação de vídeos com uso de trilha sonora de outra filmagem, com um contexto diferente e que pode prejudicar algum candidato, por exemplo, já foi artimanha usada em materiais recentes. As chamadas deepfakes — vídeos em que o rosto e a voz de uma pessoa são inseridos no corpo de outra, com uso de inteligência

artificial — são outro formato que pode ser usado nesta campanha.

O editor-chefe do Comprova cita também que para grupos já alinhados com determinado candidato, nem sempre é necessário produzir conteúdos com dados para “confirmar” alguma teoria. Levantar dúvidas já tem sido suficiente em grupos com predisposição a alguma candidatura.

## RECOMENDAÇÃO É DESCONFIAR

O professor de Administração Pública Daniel Pinheiro, coordenador do programa de Educação e Cultura Política da Esag Udesc, outra instituição catarinense parceira no projeto de combate à desinformação do STF, acredita que a disseminação de notícias falsas ocorre em um contexto de tentativa de desconstrução de instituições e ataques à urna eletrônica.

— Nesse período de pré-campanha, os ataques são mais velados, mas a gente está vendo aumento da robotização de mensagens, de perfis falsos na internet. Se o TSE não tiver medidas próprias, como está prometendo ter, vamos ter problemas, porque isso influencia diretamente o voto, especialmente nas camadas mais desassistidas da população — avalia.

Do ponto de vista do usuário, a desinformação pode se apoiar até na ingenuidade. Um usuário recebe uma mensagem e, sem saber se ela é verdadeira, decide compartilhar no grupo de amigos do futebol, da igreja ou de outro círculo social.

— Esses amigos me dão confiança de que é verdade, e aí eu repasso adiante. Até a origem dessa informação ser capturada, ela muitas vezes já foi disseminada.

O doutor em Comunicação e Linguagens, Moisés Cardoso, diz que o estímulo para esse compartilhamento pode ser o desejo de engajamento nas redes sociais ou algo que provoque um sentimento de vulnerabilidade. Por exemplo, ameaças de ditaduras, de regimes socialistas ou riscos próximos da realidade, como o desemprego.

Por trás desse percurso que tenta despertar essas reações, há um verdadeiro ecossistema com pessoas que produzem conteúdos de desinformação, com fins financeiros ou políticos. Por isso, a dica principal é desconfiar e checar.

...  
Popularização de plataformas como o TikTok e o crescimento do WhatsApp contribuíram para o consumo de conteúdos curtos e diretos, terreno fértil às fake news

### MENSAGENS QUE PROVOQUEM REAÇÕES

É comum que os conteúdos falsos tragam apelo a sentimentos como medo, angústia e tensão emocional em geral. Pode ser difícil para o usuário perceber isso, mas educar a mente para identificar as vezes em que sentir isso ao receber ao conteúdo

### TOM DE URGÊNCIA E PEDIDOS PARA REPASSAR O CONTEÚDO

Mensagens como "urgente", "leia antes que tirem do ar" e pedidos para repassar o conteúdo "o mais rápido possível" ou para "o maior número de pessoas" também costumam fazer parte de conteúdos de desinformação. A recomendação é para que as pessoas evitem atender a esses apelos e não compartilhem os materiais antes de pesquisar bem se aquela informação é de fato verdadeira

### AUSÊNCIA DE LINKS PARA FONTES CONFIÁVEIS

A falta de links para publicações de veículos de informação ou instituições oficiais, onde o usuário poderia checar a fonte do conteúdo, também é um sinal que merece atenção

### ERROS BÁSICOS DE PORTUGUÊS

Uma dica básica é identificar se o conteúdo tem erros básicos de português. Esse tipo de erro dificilmente ocorre em publicações de veículos de comunicação ou fontes confiáveis de conteúdo.

### USO DE SÍMBOLOS E NÚMEROS NO LUGAR DE LETRAS

O uso de símbolos e números no lugar de letras recentemente também se tornou uma característica em conteúdos de fake news. Grafias como Lu4, B0l-s0n4r0 e 5TF, com números fazendo as vezes de letras como l, A e S, são utilizadas para escapar dos monitoramentos nas redes sociais, que estão mais vigilantes contra conteúdos falsos, e também das agências de checagem, que verificam informações.

### IMAGENS EM BAIXA RESOLUÇÃO

Muitas vezes as fotos utilizadas nas postagens têm qualidade baixa, o que ajuda a dificultar verificações sobre o conteúdo

### GRANDES TRAMAS, COMPLÔS OU TEORIAS CONSPIRATÓRIAS

A referência a grandes complôs e conspirações generalizadas também está presente em algumas publicações de desinformação. A intenção é tentar plantar a dúvida e a desconfiança nas instituições, mesmo sem apresentar provas.

### AUSÊNCIA DE AUTORIA DO CONTEÚDO OU ATRIBUIÇÃO FALSA A UM AUTOR

A ausência de informação sobre o autor ou a fonte das informações, ou a atribuição a um autor que não foi de fato quem produziu aquele material, também é outro sinal que pode ajudar a identificar conteúdos falsos. A ausência de detalhes sobre a data e o local do acontecimento também é outro elemento presente, porque pode induzir o leitor a pensar se trata de um tema atual ou próximo.

### NOTÍCIAS ANTIGAS

Uma característica é a divulgação de notícias antigas, que estão fora do contexto atual, sem mencionar que se trata de conteúdo de outro período.

### MENTIRAS NO MEIO DE VERDADES

Uma estratégia comum é utilizar um fato verdadeiro para, a partir dele, incluir mentiras ou sugerir interpretações diferentes do contexto dos fatos. Para se proteger disso, é importante ler toda a mensagem e averiguar todos os pontos de uma informação.

### A DICA É PESQUISAR

A dica final para o usuário é pesquisar. Conferir as informações recebidas no Google, em sites jornalísticos, de instituições oficiais ou de agências de checagem são formas de descobrir se aquele conteúdo é ou não verdadeiro para só então pensar em compartilhá-lo a outros conhecidos.

### COMO DENUNCIAR AO TSE

O TSE criou um programa permanente de combate à desinformação. Usuários que recebam conteúdos suspeitos podem denunciar pelo Sistema de Alerta, lançado em julho deste ano, no site <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2022/sistema-de-alerta>.

### DESINFORMAÇÃO É CRIME?

A punição à disseminação de fake news ainda é difícil. A advogada Luiza Portella diz que a legislação não acompanha a evolução da tecnologia, mas que há leis que podem ser aplicadas no caso de divulgação de desinformação – como em crimes eleitorais ou calúnia e difamação.

### DENÚNCIAS DE FAKE NEWS AO TSE

- 1.744** no YouTube
- 64** no Twitter
- 50** no Facebook
- 23** disparos em massa pelo WhatsApp
- 13** no Instagram
- 8** no Tik Tok
- 4** no Telegram
- 3** no Kwai

**Total**  
**1.909**  
**denúncias**

FONTE: TSE

### VEJA AÇÕES DAS REDES SOCIAIS PARA COMBATE À DESINFORMAÇÃO

#### Telegram

O Telegram firmou parceria com o TSE somente em maio, após três meses de negociações. O aplicativo chegou a ser bloqueado pelo STF, por não atender determinações judiciais. A plataforma prometeu identificar postagens falsas ou descontextualizadas com etiquetas de potencial desinformação. Outras solicitações do TSE, no entanto, foram negadas.

#### Facebook e Instagram

A Meta, empresa dona do Facebook, Instagram e Whatsapp, prometeu remover conteúdos que violam as regras de comunidade no Facebook e no Instagram. Os usuários podem fazer denúncias por um canal do TSE nas plataformas. A empresa também adota um rótulo para postagens sobre eleições. Um centro de operações deve analisar conteúdos que possam interferir nas eleições.

#### Twitter

O Twitter firmou acordo com o TSE contra as fake news e anunciou a criação de etiquetas para conta de candidatos. Também vai identificar tuítes "questionáveis ou enganosos". O site não deve apagar conteúdos apontados como falsos, mas deve "reduzir a visibilidade".

#### WhatsApp

A principal medida foi reduzir o encaminhamento de mensagens para apenas um grupo por vez. A plataforma também deve monitorar uso automatizado do perfil para tentar reduzir os disparos em massa. Também haverá uma equipe de advogados no Brasil, um canal para intimações eleitorais e fornecimento de dados de usuários e um canal de denúncias.

**DC Revista, AN Revista e Santa Revista (20.08 – 26.08.2022)**

**Capa e Cotidiano**

“OS 10 ANOS DA LEI DE COTAS AOS OLHOS DELA”

Os 10 anos da lei de cotas aos olhos dela / Política de ações afirmativas / Raquel Ribeiro / Curso de Administração / Planetário / Gabriel Xavier da Silva / Curso de Odontologia / Leandro Batz / Curso de Ciências Biológicas / Curso de Artes Cênicas / UFSC

**ENSINO SUPERIOR**

Histórias de catarinenses exaltam os 10 anos da Lei de Cotas nas universidades

**PÁGINAS 10 E 11**



# OS 10 ANOS DA LEI DE COTAS AOS OLHOS DELA

Legislação que abre espaço a pessoas de baixa renda e pretas, pardas e indígenas completa uma década em meio a celebrações de conquistas de estudantes e preocupação com possíveis alterações no texto

Raquel Ribeiro é cotista do curso de Administração da UFSC

**CAROLINA FERNANDES**  
carolina.fernandes@nsc.com.br

No dia 29 de agosto a lei que propôs mudar a cara das instituições federais de ensino completa 10 anos. A Lei 12.711 – mais conhecida como Lei de Cotas – garante que metade das vagas de institutos e universidades federais seja reservada para ex-alunos da rede pública.

– Hoje me dói saber que eu, por enquanto, sou a única da minha família que está em uma universidade federal. Mas eu quero deixar um legado e ser inspiração para outras pessoas tanto da minha família quanto para colegas meus que achavam que isso não era uma realidade palpável para eles – afirma Raquel Ribeiro, estudante cotista do curso de Administração que ingressou na UFSC em 2016.

O texto da lei prevê que, até 29 de agosto de 2022, a política passe por uma revisão após 10 anos de execução. Ela não perderá a vigência, mas poderá sofrer alterações. Contudo, a possibilidade de mudança tem preocupado especialistas e movimentos sociais. A professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e dos cursos de graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rosana Heringer, afirma que atualmente vê um “cenário difícil” para uma avaliação sobre a lei.

– Temos uma compreensão de que não é necessária uma revisão da lei no sentido de que ela tem que ser modificada. É importante que esse balanço seja feito e que a avaliação seja feita, porém isso não significa que ela tem que ser modificada.

Na UFSC, a lei de cotas, a partir de 2012, possibilitou o ingresso de 18.806 pessoas em vagas reservadas para estudantes oriundos de escolas públicas. Destas, 4.544 entraram em cursos de Graduação por meio de vagas destinadas a pretos, pardos e indígenas. E 194 pessoas declararam ser

portadoras de deficiência. Segundo dados da própria UFSC, antes de a instituição de uma política de ações afirmativas, o ingresso de pessoas autodeclaradas negras na instituição girava em torno de 400 pessoas por ano.

– Ela [a lei] combinou diferentes projetos de lei sobre o tema que estavam em debate no Congresso Nacional naquele momento. Por exemplo, havia propostas que fossem apenas cotas raciais, havia propostas que fosse apenas cotas para escola pública e o que resultou no texto da lei foi uma combinação desses diferentes critérios – afirma a professora da Faculdade de Educação da UFRJ, Rosana Heringer.

– A legislação tem um papel importante porque de fato ela contribuiu para mudar a cara das universidades públicas. Um fato que permitiu, em relativamente pouco espaço de tempo, em 10 anos, a gente ter essa mudança importante no perfil dos estudantes. É importante dizer que essa lei ficou mais de 10 anos da câmara dos deputados. Não foi uma caminhada fácil, ela demorou até ser de fato considerada discutida e votada – completa.

## “FOI UMA CONQUISTA”

Raquel Ribeiro, 26 anos, moradora de Antônio Carlos, na Grande Florianópolis, ingressou no curso de Administração da UFSC no segundo semestre de 2016. Até então, ela seguia a projeção de vida que se apresentava no momento: trabalhar em alguma empresa da região, casar e ter filhos.

– Tive um professor de física que levou a gente no planetário da UFSC. Eu olhando para aquilo tudo pensei: “Meu deus será que eu vou ter um dia oportunidade de estar aqui?”. Até o meu ensino médio eu não tive esse incentivo familiar e nem dos professores [para cursar uma universidade]. Não era nem comentado sobre cotas no nosso ensino médio. Foi uma conquista,

uma surpresa muito grande.

Foi só dois anos após terminar o ensino médio que ela resolveu seguir a dica de um amigo próximo de fazer a prova do vestibular e sinalizar, no momento da inscrição, que concorreria pelas vagas reservadas para alunos de escola pública que são negros.

– Meu amigo falou com tanta convicção que eu passaria que eu passei a acreditar [nisso]. Eu pedi os livros do cursinho pré-vestibular de uma amiga para estudar um pouquinho. Peguei dinheiro emprestado para me inscrever, fiz inscrição, fui fazer as provas e aí acabei passando.

Sem acreditar que havia passado, ela se surpreendeu ao saber que o seu próprio nome estava na publicação que o Diário Catarinense fazia do listão com os nomes dos aprovados na UFSC. Na sala dela, dos 35 aprovados, apenas outras duas pessoas negras foram selecionadas para ingressar no segundo semestre de 2016.

– Nunca me esqueço, a nossa primeira professora perguntou quantos cotista havia na sala. Só nós três levantamos a mão. E ela assim: “Eu não quero que os outros se ofendam, mas geralmente os meus alunos cotistas são os mais esforçados”. Eu era a única pessoa casada, a outra colega trabalhava e o outro era o único que era pai. Ou seja, nós três tínhamos uma rotina mais corrida, enquanto os outros iam para trote ou bar.

Perto do fim da graduação, Raquel lembra que a caminhada até completar esses seis anos não foi fácil. Para chegar à UFSC, morando em Antônio Carlos, ela acordava todos os dias às 5h15min para chegar às 8h20min. Deixar de trabalhar durante a graduação nunca foi uma possibilidade. Por isso, após as aulas ela retornava para o município para trabalhar. A situação só melhorou quando conseguiu um estágio dentro da instituição. Mas a jornada de estudos e trabalho só era finalizada por volta das 23h.

– Minha mãe faleceu em 2003 e sonho da vida dela era me ver ler, mas ela morreu antes. Foi por ela que eu não desisti.



A nossa primeira professora perguntou: “Quem é cotista?”. Só nós três levantamos a mão. E ela assim: “Os alunos cotistas normalmente são os mais esforçados.”

**RAQUEL RIBEIRO**  
estudante do curso de Administração em 2016

## UFSC adotou políticas de ações afirmativas antes da lei federal

Em Santa Catarina, a UFSC aprovou, em agosto de 2007, uma política de ações afirmativas próprias e tornou-se a 17ª universidade federal a assumir políticas de cotas, contemplando alunos que vinham de escolas públicas, negros e indígenas.

Até 2012, das 96 universidades estaduais e federais então existentes, 70 tinham algum programa de inclusão no processo seletivo. Coube à lei, além de ampliar o alcance das cotas, criar um padrão de funcionamento para elas. Desde a instituição da sua própria Política de Ações Afirmativas, em 2008, um total de 23.885 pessoas ingressaram na UFSC em vagas reservadas.

O ortodontista, Gabriel Xavier da Silva, participou da primeira turma de cotistas dentro da instituição em 2008. A conquista foi muito comemorada pela família que morava em Camboriú, no Litoral Norte, mas trouxe preocupações e questões difíceis de lidar dentro de sala de aula.

— Eu realmente sentia essa diferença de ensino e de classe. E foi aí que eu tive o meu baque de cara: eu sou um menino preto, pobre. Eu não me encaixava no curso. A maior parte do curso eu estive de cabelo raspado porque até então cabelo grande ou era preso ou era sujo. O cabelo raspado era o que me protegia.

O ator Leandro Batz, que também ingressou em 2008 no curso de Ciências Biológicas na UFSC e depois fez a transferência de curso para Artes Cênicas, também teve que enfrentar o racismo dentro da instituição.

### “A GENTE ANDAVA E ERA APONTADO COMO COTISTA”

— Era aquela coisa do tipo... “Cotistas! Você é negro, é cotista!”. A gente andava e era apontado como cotista. E a pessoa branca de escola pública... Sabe? Não era! A marcação era minha cor de pele. Fora da universidade a minha marcação é a minha cor de pele, porque o segurança me persegue. Dentro universidade me perseguem porque eu entrei por cotas sabe como se fosse algo ruim — relembra Leandro.

Hoje, passados 14 anos, somando a política própria da UFSC e a lei de cotas, a presença dos cotistas dentro de instituições como a catarinense já está assimilada e aceita por boa parte da sociedade, afirma o reitor Universidade Zumbi dos Palmares, José Vicente.

— Nós tivemos em uma universidade que nunca teve negros, a presença de negros. Uma universidade que nunca tinha se debruçado sobre as desigualdades raciais, lidando com o racismo e a tolerância racial. A universidade precisou se debruçar a construir soluções nessa direção.

Para especialistas, uma espécie de capacitação para toda a comunidade acadêmica também pode oferecer uma experiência mais tranquila a acolhedora para alunos que ingressem pelo sistema de cotas ainda hoje.

— Acreditamos que é necessária uma espécie de sensibilização para que toda a comunidade universitária receba esses alunos de uma forma mais integrada. Isso é muito importante para a trajetória que eles vão ter dentro da universidade — pontua Rosana Heringer, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e dos cursos de graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Mesmo com os desafios, Gabriel e Leandro, enxergam a importância da trajetória dentro da universidade e as vitórias que o diploma vem trazendo.

— Quando eu peguei o diploma eu falei: “Isso aqui ninguém vai me tirar mais de mim”. Vou levar essa marca para sempre, de que eu fui um dos primeiros dentistas pretos formados na UFSC. Hoje na ortodontia eu tenho mais contato com adolescentes, jovens e crianças. Eu sempre friso: se eu estou aqui hoje atendendo eles, é porque o sistema de cotas me beneficiou para entrar lá. Porque se não fosse [a cota], muito provável que não estaria ali — conclui Gabriel.

Raquel, moradora de uma cidade no interior da Grande Florianópolis, não tinha ambição de conseguir uma vaga em universidade



## Revisão da lei e desafios

A previsão de revisão da lei, após os 10 anos da sua vigência, refere-se à necessidade de analisar como a política pública funcionou para, então, discutir se deve ser ampliada, mantida como está ou “enxugada”. Contudo, mesmo que esse processo não aconteça em agosto, a Lei não perderá a validade.

Para o Reitor da Universidade Zumbi dos Palmares e Idealizador da campanha Cotas Sim, José Vicente, não há dúvidas da eficácia e resultados positivos que a política de cotas trouxe para a sociedade brasileira.

— A lei procura colocar no trilha o que foi essa distorção do espaço do superior público no nosso país em que tradicionalmente as universidades públicas sempre atenderam e sempre incluíram um conjunto de estudantes que além da homogeneidade estética também contemplam determinada a faixa de renda. E essas duas coisas juntas no final apresentaram como resultado uma universidade que estava totalmente divorciada com as necessidades da pluralidade.

A professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e dos cursos de graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rosana Heringer, coordenou o estudo “Avaliação das políticas de ação afirmativas no ensino superior no Brasil: resultados e desafios futuros”, e afirma que além de ser mantida, a política deve ser ampliada.

— A pesquisa que fizemos recentemente mostra que hoje em dia a gente tem 40% dos estudantes entrando por algum tipo de reserva de vagas nas universidades públicas. Então nem aquela meta de 50% se realizou. Então a gente precisa continuar buscando essa mudança de perfil dos estudantes. Além dessa criação do acesso, [é importante] garantir boas políticas de permanência para que esses estudantes que entram consigam concluir seus cursos com sucesso — explica.

Para Rosana, a lei pode e deve ser aperfeiçoada. Um dos pontos, segundo a pesquisadora é estabelecer que as cotas se tornem um piso no número de vagas da instituição e não um teto.

— Os estudantes que optam por ingressar pelas cotas quando eles marcam que eles desejam disputar uma vaga pelas cotas, mas [é importante] que eles não fiquem restritos as vagas destinadas para os cotistas. Que eles possam caso tenham nota suficiente, possam disputar na ampla concorrência. Isso levaria a um aumento de estudantes que teria um perfil das cotas, mas que podem ingressar sobre qualquer critério.

Outro ponto ainda poderia ser a redução da renda per capita dos estudantes oriundos da escola pública. A sugestão de Rosana é que a atual previsão de um 1,5 salário mínimo de renda por pessoa seja futuramente reduzido para meio salário mínimo per capita:

— Para que a gente possa de fato atingir os grupos que são mais ausentes hoje no ensino superior — finaliza Rosana.



### COMO FUNCIONA A LEI?

A lei estabeleceu que do total de vagas oferecidas nas instituições federais houvesse a reserva de, no mínimo, 50% das para estudantes que cursaram o ensino médio integralmente em escolas públicas.

Metade dessas vagas fica para quem tem renda familiar de até 1,5 salário mínimo por pessoa. A outra parte fica reservada para alunos de rede pública sem definição específica de renda.

E dentro destes dois grupos, o da renda familiar de até um salário mínimo e o sem definição de renda, estão contempladas reservas para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência equivalente às parcelas que ocupam na população do Estado.

**DC Revista, AN Revista e Santa Revista (20.08 – 26.08.2022)**

**Estela Benetti**

“GÁS NATURAL E ECONOMIA”

Gás natural e economia / Núcleo de Pesquisa, Estudo e Observatório de gás Natural / Nepo / Vinícius Augusto Bressan Ferreira / UFSC

## GÁS NATURAL E ECONOMIA

Com o objetivo de analisar impactos do gás natural na matriz energética sob a ótica do desenvolvimento econômico e social, foi criado em Santa Catarina o Núcleo de Pesquisa, Estudo e Observatório de gás Natural (Nepo). Lançado com o apoio do Instituto Ignacio Rangel (IIR), referência na área científica no Brasil, o Nepo é coordenado por Leonardo Mosimann Estrella, doutorando em Planejamento na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e também atua há mais de 10 anos no setor de gás natural.

A supervisão será da professora Isa de Oliveira Rocha, da Udesc. O engenheiro Cósme Polêse Borges e o jornalista Vinícius Augusto Bressan Ferreira, da UFSC, integram a equipe.

## Notícias do Dia

### Moacir Pereira

#### “PICHAÇÕES CONDENÁVEIS”

Pichações condenáveis / CDL / Câmara de Dirigentes Lojistas de Florianópolis /

Marcos Brinhosa / UFSC



#### **PICHAÇÕES CONDENÁVEIS –**

O presidente da CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas) de Florianópolis, Marcos Brinhosa, adotou uma posição pública elogiável e corajosa de veemente condenação aos atos de vandalismo e pichação que se espalham de forma criminosa por Florianópolis. Sua nota enfatiza: “O aumento vertiginoso de pichações em casas, prédios e equipamentos públicos de toda a espécie (monumentos, placas, etc.) fez eclodir um importante debate na cidade que precisa ter a devida atenção do Poder Público. Transitando por nossas ruas e praças, é impossível não encontrar atos de vandalismo cometidos por verdadeiros espíritos de porco, indivíduos que degradam a Capital movidos pela incontida – e não menos questionável – vontade de ‘lacrar’ em público. Surpreendentemente, até o debate em si foi sequestrado por devaneios ideológicos. Nesse sentido, a UFSC, outrora orgulho dos catarinenses, presta imensurável desserviço à sociedade ao repudiar a ação dos órgãos de segurança no intuito de coibir pichações supostamente ‘em defesa do Estado Democrático de Direito’, conhecido eufemismo por quem quer expressar preferências político-partidárias.” Brinhosa quer evitar que a Ilha de Magia se transforme na Ilha da Porcaria.

## Notícias do Dia

### Geral

“Multivacinação na Grande Florianópolis”

Multivacinação na Grande Florianópolis / Vacinação / Sead / UFSC

# Multivacinação na Grande Florianópolis

*Capital, São José, Palhoça e Biguaçu abrem unidades de saúde para vacinar, principalmente, crianças com caderneta defasada*

Sábado é dia da Campanha de Multivacinação e as prefeituras de Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu chamam pais e responsáveis para que levem crianças e adolescentes para atualizar o cartão de vacinação. Em todo o país, será realizado o Dia D de vacinação contra a poliomielite e os municípios podem aproveitar a data para ampliar a oferta de imunizante. É o que será feito na Grande Florianópolis.

Em Florianópolis, todas as unidades de saúde estarão abertas para atender à população. O público alvo são crianças e adultos. O objetivo é atingir as coberturas vacinais de toda a população, um dos maiores desafios da saúde pública atualmente, mobilizando todos na atualização do cartão de vacinação. Estarão abertos todos os centros de saúde, o Sead/UFSC, além do Busão da Vacinação e duas vans itinerantes, uma no Sul e outra no Centro/Norte da Ilha.

Em São José o serviço estará disponível das 8h às 17h em todas as UBSs (unidades básicas de saúde). Podem se vacinar crianças de até cinco anos contra a poliomielite e quem tem menos de 15 anos terá a oportunidade de atualizar a caderneta vacinal. A Campanha de Multivacinação na cidade iniciou na segunda (8) e já foram aplicadas 336 doses da vacina contra a poliomielite. O objetivo é vacinar



PHAS/DIVULGAÇÃO/NO

Foco da campanha é a vacinação contra a poliomielite

95% das crianças menores de 5 anos, conforme foi estabelecido pelo Ministério da Saúde.

Em Palhoça todas as unidades básicas de saúde estarão abertas das 8h às 17h para a atualização da caderneta de vacinação. No município, a

campanha é para crianças e adolescentes. Em Biguaçu as unidades participantes também atenderão das 8h às 17h. As UBSs Bom Viver, Sorocaba de Dentro, Sorocaba de Fora, Estiva e Fazenda não participarão do Dia D.

### Vacinas disponíveis na rede pública

De acordo com o Ministério da Saúde, as vacinas disponíveis são: Hepatite A e B, Penta (DTP/Hib/Hep B), Pneumocócica 10 valente, VIP (Vacina Inativada Poliomielite), VRH (Vacina Rotavírus Humano), Meningocócica C (conjugada), VOP (Vacina Oral Poliomielite), Febre amarela, Tríplice viral (Sarampo, Rubéola, Caxumba), Tetraviral (Sarampo, Rubéola, Caxumba, Varicela), DTP (tríplice bacteriana), Varicela e HPV quadrivalente (Papilomavírus Humano).

Estarão disponíveis para os adolescentes as vacinas HPV, dT (dupla adulto), Febre amarela, Tríplice viral, Hepatite B, dTpa e Meningocócica ACWY (conjugada).

## Notícias do Dia

### + Notícias

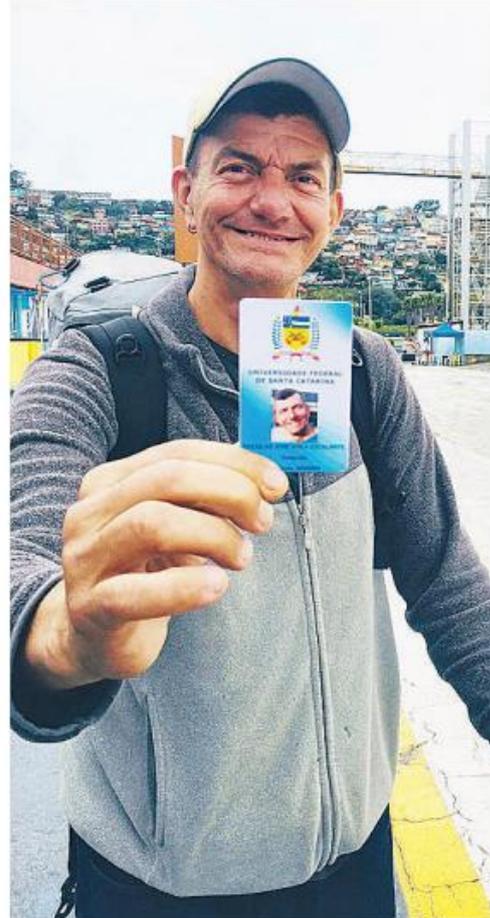
“Do desalento das ruas para a universidade”

Do desalento das ruas para a universidade / Douglas José Ávila Escalante / Vestibular / Curso de Geografia / Moradia Estudantil / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

### *Do desalento das ruas para a universidade*

As limitações e as dificuldades impostas pela condição de não ter um teto não impediram Douglas José Ávila Escalante, 54 anos, de se preparar para o concorrido vestibular da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Imigrante venezuelano acolhido pela Secretaria de Assistência Social de Florianópolis na Passarela da Cidadania, Douglas iniciará segunda-feira sua vida acadêmica. Ele foi aprovado para o curso de geografia

da tradicional instituição catarinense. Agora, nessa fase de estudante universitário, ele foi encaminhado para a Casa de Passagem do Centro onde deve ficar temporariamente acolhido, recebendo todo o suporte necessário para a fase que inicia. “Estou empolgado para escrever um novo e importante capítulo”, comenta. O objetivo de Douglas é contar com a ajuda assistencial até conseguir uma vaga na moradia estudantil da UFSC.



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

# CLIPPING DIGITAL

20/08/2022

## A caminho da Ufsc

Arroio do Silva inaugura Clínica Universitária na segunda-feira  
Brasil tem 37 concursos abertos com salários acima de R\$ 10 mil; veja vagas  
CBN Sábado Show (Entrevista sobre as Fortalezas)  
Cleópatra: a história de uma das rainhas mais poderosas de todos os tempos  
Cleópatra: a história de uma das rainhas mais poderosas de todos os tempos  
Cleópatra: a história de uma das rainhas mais poderosas de todos os tempos  
Dia 'D' de Vacinação mobiliza cidades de Santa Catarina  
UFSC e IFSC divulgam datas do Vestibular Unificado 2023 com mais de 5 mil  
vagas

21/08/2022

Acolhido da Casa de Passagem do Centro é aprovado para curso de graduação da  
UFSC

Camarada Luiz Henrique Flores, Presente!

Casal deixa SP e realiza sonho de morar um mês em cada capital  
Casarios, queijos e vinhos locais formam Serro, município mineiro  
Cleópatra: a história de uma das rainhas mais poderosas de todos os tempos  
Cleópatra: a história de uma das rainhas mais poderosas de todos os tempos  
Concursos públicos oferecem 47 mil vagas com salários de até R\$ 33,7 mil  
Confira os candidatos ao governo dos 26 estados e do Distrito Federal  
Confira os candidatos ao governo dos 26 estados e do Distrito Federal  
DF tem o maior número de candidatos a governador; veja a lista por estado  
Imbituba vai receber o Planetário Móvel da UFSC, grande oportunidade de  
aprendizagem científica audiovisual sobre o universo  
Mais de 40 órgãos federais aceitam pagamento de taxas via Pix  
Mais de 40 órgãos federais aceitam pagamento de taxas via Pix  
Mais de 40 órgãos federais aceitam pagamento de taxas via Pix  
Mais de 40 órgãos recebem pagamento de taxas via Pix  
Pix: mais de 40 órgãos federais aceitam pagamento de taxas via sistema  
Presença VIP

Se você é da área de marketing digital precisa participar do evento "Dá Teus Pulo"  
Venezuelano em situação de rua passa em vestibular da UFSC: 'Novo capítulo'